

TRADUZIR PARA UMA LÍNGUA DO OUTRO

Henryk Siewierski (UnB)¹

Resumo: Uma experiência de tradução literária para uma língua estrangeira, numa trajetória de migração do tradutor, torna-se objeto de reflexão que ressalta a importância da hospitalidade linguística e cultural recíproca e dos seus benefícios específicos tanto no nível ético e político, quanto pragmático e estético.

Palavras-chave: Tradução; Migração; Hospitalidade.

“A fraternidade não é afinal uma idéia revolucionária.
É a coisa que a gente aprende pela vida fora.”
(Fernando Pessoa, *Ode Marítima*)

1.

Em primeiro lugar, quero agradecer aos Organizadores o convite, e agradecer especialmente por ser um convite para falar da experiência. Uma experiência de tradução que, no caso, tem muito a ver com o convite e com a situação do convidado.

Embora o título dessa apresentação possa evocar também a situação de quem se convida a si próprio, ela se situa nos antípodas da experiência à que me quero referir e sobre a qual refletir.

“Traduzir para uma língua do outro”. O título é ambíguo: ele evoca os dois lados da moeda de traduzir para outra língua, e poderia se referir também à situação de traduzir para o outro que não convida, e que tem motivos para não convidar, mas mesmo assim, o “tradutor” vem, não convidado, armado de meios de traduzir e introduzir o que lhe parece que o outro quer ou precisa. Ele aprende a língua do outro não para explorar seus tesouros, nutrir-se com suas riquezas, numa relação íntima, amorosa e fértil. Vem para explorar direta ou indiretamente, mas não os tesouros guardados na língua. Se ele aprende a língua do outro, é, essencialmente, para dominar. É um penetra que vem para dominar e as suas traduções para a língua do outro são

¹ Graduação em Filologia Polonesa, mestrado e doutorado em Ciência da Literatura (Universidade Jagiellonian de Cracóvia).

penetras também, porque associadas, aliadas, quer ou não, às forças, às estratégias de dominação.

E não adianta negar, somos todos herdeiros, e devedores, desses penetras, também.

Mas este campo de experiência de traduzir, objeto de demarcação e de desmascaramento da crítica pós-colonial de tradução, é o lado da moeda que aqui não interessa. Porque é justamente o seu lado oposto que quer evocar este título, “Traduzir para uma língua do outro”, título em que, portanto, faltou o complemento: “... do outro que convida”.

Edward Said, no seu *Orientalismo* diz que “Talvez a tarefa mais importante de todas seja a de empreender estudos das alternativas contemporâneas ao Orientalismo, perguntar como é possível estudar outras culturas e povos a partir de uma perspectiva libertária, ou não repressiva e não manipuladora” (SAID, 2007, p. 55).

É uma perspectiva que Said apenas aponta como desejável. Ampliada para os estudos e as relações culturais que incluem também a tradução, esta “perspectiva libertária” faz valorizar, entre outras, mas de maneira singular, a hospitalidade em suas diversas formas e manifestações, em que a reciprocidade seja talvez nos nossos dias a mais urgente e mais eficaz alternativa ao que significa o Orientalismo e outros -ismos a este associados.

Portanto, “Traduzir para uma língua do outro – que convida”. Uma relação de reciprocidade em que os dois, o tradutor e o destinatário da obra traduzida, são os convidados e os que convidam, hóspedes e hospedeiros, ao mesmo tempo.

Isto não quer dizer que tal reciprocidade não aconteça na tradução para a própria língua do tradutor. Paul Ricoeur, ao falar sobre a tarefa do tradutor, a define como a “hospitalidade linguística, portanto, onde o prazer de habitar a língua do outro é compensado pelo prazer de receber em casa, a acolhida de sua própria morada, a palavra do estrangeiro” (RICOEUR, 2011, p. 30).

Paulo Rónai fala do mesmo de forma diferente: “Cada vez que uma obra literária me comove a fundo a minha reação instintiva é verificar se já está traduzida, para, em caso contrário, eu mesmo transplantá-la para a minha língua materna, ou para outras em que acabei por sentir, pensar e me exprimir” (Cit. por SIEWIERSKI, 1988, p. 11)

No princípio há uma visita na casa que abre suas portas: uma obra literária de outra língua. O prazer e a comoção da leitura fazem que a visita se prolongue e que o hóspede se transforme em hospedeiro, leitor em tradutor, e por que não dizer “amador em coisa amada”. Traduzir para uma língua do outro, na condição do convidado, demanda a mesma “transformação” e a mesma reciprocidade.

Agora o tradutor se hospeda não numa obra específica, mas na língua do outro e a acolhe, ao mesmo tempo. O objeto da tradução é uma obra escolhida da língua materna do tradutor. Escolhida, considerando a demanda de quem convida, mas também a vontade do convidado, porque, com certeza, a escolhida não seria aquela obra que nunca lhe tivesse dado prazer ou comoção. E numa relação tão próxima e tão intensa com a outra língua os laços com a sua própria se fortalecem também, não os laços do dono com a sua propriedade, mas do hóspede, porque somos hóspedes também na língua materna, embora nem todos pensem assim. Paulo Leminski devia ter pensado quando escrevia o poema “Invernáculo” (LEMINSKI, 1996, p. 21):

Esta língua não é minha
Qualquer um percebe
Quando o sentido caminha
A palavra permanece.
(...)

A principal diferença na tradução para a língua do outro (que convida), que gostaria aqui destacar é justamente o convite. É porque ela tem a ver com minha experiência pessoal, mas também porque talvez nos tempos de migrações dos povos, nossos tempos, o convite e a reciprocidade sejam as palavras chaves de transformação do que se apresenta como uma desgraça, em oportunidades.

2.

Para falar da experiência é impossível não falar em primeira pessoa singular. Acredito, no entanto, que falar em primeira pessoa plural também seria justificado, na medida em que as nossas experiências, embora sejam únicas, coincidam também, em vários aspectos, com a experiência de muita gente.

Por isso o mais certo seria começar seguindo o exemplo de quem sabia falar em primeira pessoa singular e a primeira pessoa plural ao mesmo tempo, o exemplo de um dos nossos grandes pais: *Nel mezzo del cammin di nostra vita/ Mi ritrovai...*

Assim me encontrei num país, no momento em que ele estava se desvencilhando da sua longa história imperial: o Portugal de 1981. As palavras do seu poeta escritas meio século antes estavam, então, atuais, mais do que nunca: “Cumpriu-se o Mar e o Império se desfez / Senhor, falta cumprir-se Portugal” (PESSOA, 1979, p. 57)

Vim do outro lado da Europa, ou seja, do outro lado do muro que a separava, da parte, naquele tempo, em vias de libertação da tutela imperial do poderoso vizinho. Vim principalmente com a vontade de conhecer a pátria de Camões, sua língua e sua terra, sua gente e sua poesia, sem saber que assim começavam anos de migração e de serviços prestados à migração, ou seja, os anos de tradução. Mas a tradução não estava ainda nos planos. Se estivesse, seria traduzir a poesia portuguesa para minha língua materna. Lembrava-me que alguns românticos poloneses aprendiam o português para ler os *Lusíadas* em original. Mas quando descobri Fernando Pessoa, conhecê-lo só em original era pouco, não resisti à tentação e às aventuras de aprender a língua portuguesa somaram-se as tentativas, por vezes herói-cômicas, de traduzi-lo para a minha língua pátria. No entanto, já nos inícios começaram aparecer outras tentações. Quase a cada passo pude perceber o interesse por aquele mundo do que vim – aquela outra Europa, do Leste –, idealizado por uns e reprovado pelos outros, como se estivesse nos antípodas do mundo ocidental. Este interesse convidativo e incentivador dos meus alunos e colegas da Faculdade de Letras de Lisboa, dos amigos portugueses (entre os quais, um dos mais incisivos foi o de Agostinho da Silva), fez com que começaram as traduções a quatro e mais mãos, dos poemas, narrativas, ensaios dos autores do outro lado da cortina chamada de ferro. Com o tempo, surgiu a ideia da revista para compartilhar os resultados das traduções, assim como dos estudos que surgiam. A revista – *Aproximações. Europa de Leste em Língua Portuguesa* – era pobre de forma e de recursos, mimeografada, com distribuição bem limitada, mas independente, pelo menos de interesses daqueles que dos dois lados da cortina procuravam moldar de forma unilateral a visão do outro. A revista era pobre, mas nada modesta, se considerar o desafio lançado poética e pateticamente ao *status quo* da Europa rachada e o papel

pretendido a desempenhar através das traduções, como mostra este fragmento de editorial do número inaugural, de abril de 1986:

A Europa está dividida ao meio. Mas o que está dividido é o solo. O Espírito voa onde quer. Voa a procura das línguas com que abre as portas bem fechadas e derruba os muros desnecessários. Quantas portas pode abrir a chave da língua portuguesa! Quantos corações aproximar? Quantos muros... (APROXIMAÇÕES, 1986, p. 1)

Falar naquele tempo sobre o espírito à procura das línguas para derrubar os muros era apostar na tradução. E não a tradução como um meio de transformação, mas tradução como um fim em si mesmo, ou seja, o modo de viver no mundo já em transformação; por exemplo, participando do processo em que os poemas de Ossi Mandelstam, um dos maiores poetas da língua russa, morto em 1938 (no campo de prisioneiros stalinista) ganharam, pela primeira vez, a vida em língua portuguesa. Eis um deles traduzido por Agostinho da Silva (MANDELSTAM, 1987, p. 20):

Corpo meu que me foi dado
para respirar, viver,
como é que eu o hei-de usar
como hei-de agradecer?

É ele a flor maravilha,
dele sou eu jardineiro,
nesta prisão cá da terra
já não sou prisioneiro.

No vidro da eternidade
deixa meu bafo um desenho,
no passar de todo o instante,
o que dura nele tenho.

1909

O dom de mais uma língua não seria comparável ao do “corpo dado”? O corpo fica o mesmo ganhando mais uma língua? Não se torna um corpo a mais, um corpo plus, habilitado para viver mais, e mais livre? Se não nos lembramos de agradecer por esse dom a cada dia, seja talvez porque o verbo “aprender” e o substantivo “aquisição” monopolizaram o modo de pensar sobre a nossa relação com as línguas, apagando o que nela tem a ver com a dádiva. A outra geralmente fica na sombra da primeira, a materna

que foi dada, mas pode também surpreender passando para o primeiro plano, como aconteceu ao Matias Aires, um filósofo português nascido em São Paulo em 1705, que escreveu suas obras em francês e Latim, e foi também tradutor de clássicos latinos. No seu livro *Reflexões sobre vaidade dos homens* (1752), ele confessa:

Não me obrigo, porém, a que (vivendo quase retirado) deixe de ocupar o tempo em escrever em outra língua; e ainda que a vulgar é um tesouro, que contém riqueza imensa para quem se soubesse servir dela, contudo não sei que fatalidades me têm feito olhar com susto, e desagrado para tudo quanto nasceu comigo: além disto, as letras parece que têm mais fortuna, quando estão separadas do lugar em que nasceram; a mudança de linguagem é como uma árvore que se transplanta, não só para frutificar melhor, mas também para ter abrigo. (AIRES, 2005, p. 38-39)

3.

Para Matias Aires ganhar o francês e latim e não escrever nessas línguas seria desperdiçar uma fortuna. Como seria um desperdício ganhar a língua portuguesa e não ir ao Brasil. A passagem para o Brasil foi então algo natural. O projeto de *Aproximações* foi aqui bem acolhido, ganhando novos colaboradores, tradutores e leitores, entre eles, os imigrantes da Europa Centro-Oriental e seus descendentes. Coordenar este projeto foi uma verdadeira aventura editorial e uma fonte de alegrias de ganhar amigos, de contato com a diversidade brasileira e de se sentir convidado a contribuir para que a parte da nossa herança comum, daquela Europa do outro lado do muro, esteja no mundo da língua portuguesa mais presente. As diferenças, as distâncias atraíam, mas havia também muito que era comum, que aproximava e precisava ser lembrado, porque como escrevia Alexandar Jovanović no prefácio de um dos números:

O olhar bifronte – a Oriente e a Ocidente – une a Europa do Leste e o mundo de Língua Portuguesa. Na contemplação do Outro e nas vicissitudes diante do Outro. É chegada a hora de recolher o rastro impresso por esta caminhada e dar-lhe forma. Para quem nos contempla, somos o Outro. No jogo de espelhos as imagens podem fundir-se e permitem uma visão multifacetada, poliédrica, indispensável para construir um conhecimento melhor da realidade. Sobretudo se pudermos arquitetar a bonança por meio dos mundos abrangentes de nossas línguas. (JOVANOVIĆ, 1989, p. 7)

Mas na medida em que a caminhada prosseguia e se abriam novas perspectivas diante dessas *Aproximações*, aumentava também a atração pelo mundo ao redor e o interesse para o conhecer melhor. De modo que esse coordenador da empreitada chega a considerá-la demasiado absorvente para poder ser conciliada com o desejo de conhecer e viver mais intensamente o desconhecido da cultura brasileira, as verdades e as maravilhas que a língua portuguesa daqui guarda. Mas também, as *Aproximações* não foram pensadas como uma revista perpétua, só precisava um momento certo para a sua conclusão. E o tal momento chegou com a queda do Muro que se tornou um bom pretexto para encerrar o que começou como os exercícios de pulá-lo.

Mas enquanto os projetos de estudos e de traduções de literatura brasileira, mais sérios, começaram a se desenhar, surgem os convites da parte das editoras brasileiras para traduzir obras da literatura polonesa. Obras significativas, complexas, e para um tradutor principiante para a outra língua – desafiadoras em dobro. No entanto, foi um convite irrecusável pelo interesse e pela generosidade dos que estavam dispostos a acolher as obras que me eram caras, pela tentação que representava escrevê-las em outra língua, bem como pela vaidade que levava a enfrentar este desafio. Contava também o fato de que em quinhentos anos do Brasil e mais de cem anos do início da imigração polonesa em massa neste país, quase nada foi traduzido diretamente da sua literatura e indiretamente muito pouco para o português, tanto aqui quanto no ultramar. Podia-se, então, dizer que no princípio de tudo que tive a oportunidade de traduzir era o convite.

4.

Refletindo sobre a experiência de traduzir para a língua que ganhei *Nel mezzo del cammin*, duas questões vem a tona.

A primeira, que tem a ver com a ética e a política de tradução, faz pensar no convite que era no princípio, e que veio a ser um princípio da tradução, porque nada do que tem sido traduzido seria traduzido sem ele. Sem ele também traduzir para uma língua do Outro não seria um processo de integração na família pela vontade recíproca e virtude de muito imaginar.

A segunda questão tem a ver com a pragmática e a estética da tradução. E aqui o meu ponto de referência é o que Paulo Rónai escreveu sobre suas traduções para uma das suas outras línguas, em *Tradução vivida*:

Ao traduzirmos de uma língua estrangeira para a nossa, o problema central é o da compreensão completa. Procuramos penetrar o texto em todos os seus pormenores, compreender-lhe as intenções, situá-lo dentro do contexto cultural da civilização onde foi produzido. (...) Manejando uma língua que não seja a nossa, por melhor que a conheçamos, se podemos aprender o que nela se diz, falta-nos a intuição do que não se pode dizer. Ao escrevermos na língua materna, formulamos incessantemente com palavras conhecidas frases nunca dantes forjadas, mas um instinto misterioso elimina todas aquelas que o espírito da língua, embora não codificado, proibiria dizer. Esse instinto falta-nos em relação à língua alheia. Percebi-o logo e desde a primeira versão recorri à colaboração de amigos franceses. (RÓNAI, 1976, p. 116-117)

O que para Paulo Rónai apresentava-se como a deficiência desta estratégia – a falta do instinto que elimina "tudo que o espírito da língua proibiria dizer" – poderia ser vista também como uma oportunidade: livre do instinto normativo, o tradutor pode aventurar-se nas “zonas proibidas” da língua, com a chance de descobrir-lhe novas possibilidades, negociadas, colocadas depois em confronto dialógico com os falantes nativos da língua-alvo.

Supõe-se que o tradutor-neófito na língua de chegada, domina bem tal língua, mas nunca suficientemente para evitar os desvios e tropeços inadmissíveis do ponto de vista das normas vigentes. Estes desvios e tropeços, negociados com o "espírito da língua", podem originar resoluções novas, nunca dantes forjadas na língua-alvo e nunca aplicadas em traduções tradicionais.

É preciso ressaltar que não se trata de uma tradução crua, literal, encomendada muitas vezes aos falantes das línguas pouco conhecidas e depois "penteada" pelos "verdadeiros" tradutores. Trata-se de um esforço e um prazer de viver uma língua estrangeira a ponto de impor-lhe textos que ela própria nunca teria produzido, e uma tentativa de criar dentro dos seus domínios uma linguagem poética nova, além da dicotomia entre a estrangeirização e a domesticação.

4.

Encerrando, queria apresentar um poema de Vasco Popa, poeta sérvio, da antiga Iugoslávia, que em 1987, na volta de um encontro de escritores em Buenos Aires, visitou Brasília. Numa tarde, com um grupo de alunos da UnB traduzimos junto com ele alguns poemas que nos leu em sua língua e estava curioso ouvir como soariam em português. É um poema que ele escreveu poucos dias antes, após um encontro com Jorge Luís Borges, e que fala o que pode acontecer quando ganhamos e comungamos uma palavra do Outro. O poema dispensa comentários, evidenciando um milagre possível, associado à tradução: migração necessária:

PÃO DO POETA

Apenas nos conhecemos
Don Jorge Luis me perguntou
Como se dizia “pão” em minha língua

Juntava talvez alimentos
De todos os meridianos
Para algum novo poema faminto

Ou queria sentir em seus lábios
O gosto da crocante palavra eslava

Quando depois de muitos anos
Voltamos de encontrar-nos em alguma parte
Repetiu triunfante a palavra

Tinha rosto iluminado do homem
Que havia olhado a áurea moeda oculta
No miolo de um pão universal.

Buenos Aires, 1987 (POPA, 1988, p. 15)

Referências

AIRES, Matias. *Reflexões sobre a vaidade dos homens. Carta sobre a fortuna*. Prefácio de António Pedro Mesquita, fixação do texto e notas de Violeta Crespo Figueiredo e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

- JOVANOVIĆ, Aleksandar. *Prefácio*. “Aproximações. Europa de Leste em Língua Portuguesa” 1989, No. 3, p. 7-8.
- LEMINSKI, Paulo. *O ex-estranho*. São Paulo: Editora Iluminuras, 1996.
- MANDELSTAM, Ossip. *Corpo meu*. Tradução de Agostinho da Silva. “Aproximações. Europa de Leste em Língua Portuguesa” 1987, No. 1, p. 20.
- PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Lisboa: Edições Ática, 1979.
- POPA, Vasco. *Pão do Poeta*. Tradução de Ana Wojtowicz. “Aproximações. Europa de Leste em Língua Portuguesa” 1988, No. 2, p.15.
- RICOEUR, Paul. *Sobre a tradução*. Tradução de Patrícia Lavelle. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- RÓNAI, Paulo. *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: Educom, 1976, p. 116-117.
- SAID, Edward. *Orientalismo. O Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SIEWIERSKI, Henryk. *Introdução*. “Aproximações. Europa de Leste em Língua Portuguesa” 1988, No. 2.